

Sarney viaja na terça para consultas sobre reformulação

Da sucursal de
BRASÍLIA

O presidente da Arena, senador José Sarney, visitará o Amazonas na próxima terça-feira e, a seguir, ainda na mesma semana, São Paulo, Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul, prosseguindo em suas sondagens quanto à posição das bases de sua agremiação em face da próxima reformulação partidária.

Ontem, ele viajou para o Maranhão, onde passará a semana e onde assistirá, sábado, ao casamento de seu filho, deputado estadual Sarney Filho. Segunda-feira, ainda irá ao presidente Figueiredo e ao ministro da Justiça, senador Petroneo Portella, para entregar um relatório das reuniões realizadas na Bahia e em Alagoas, onde os governadores Antônio Carlos Magalhães e Guilherme Palmeira, respectivamente, se manifestaram contrários à eliminação das atuais legendas, e em Pernambuco, onde o governador Marco Antônio Maciel é favorável à tese.

A imediata volta da barganha política no plano estadual e a reformulação ministerial são as conseqüências prováveis da extinção da Arena e do MDB e da implantação do pluripartidarismo, segundo parlamenta-

res arenistas que se encontram em Brasília.

Para eles, af reside a principal razão da resistência de alguns governadores à tese da eliminação dos atuais partidos e do consequente entusiasmo de alguns políticos para que ela venha a se viabilizar.

Alguns governadores estaduais temem que, mal tendo iniciado suas administrações, tenham de recompor o secretariado e o quadro de auxiliares diretos em função das forças que lhes dariam sustentação parlamentar na Assembléia. Com isto, seriam levados a despende a maior parte do tempo na articulação política, ao invés da boa gestão dos negócios públicos. Eles afirmam que a imediata conseqüência disto no plano federal seria ainda a politização da máquina administrativa, a partir da nomeação de novos ministros, ligados aos partidos que apoiarão o governo João Figueiredo.

Os arenistas concordam com esses governadores na primeira parte do raciocínio, considerando porém, positivo seu desdobramento. Alegam que é justamente isto o que esperam do pluripartidarismo: a volta da parceria do poder, da influência nas decisões governamentais. Eles afastam a argumentação dos governadores, alegando que eles não sabem raciocinar em

termos de abertura política preferindo manter a calma do bipartidarismo, "que nos possibilita uma perioridade tranqüila e acomodada em termos de Assembléia Legislativa."

No tocante à resistência do vice-presidente da República, Aureliano Chaves, e do governador da Bahia, Antônio Carlos Magalhães, identificam clara emulação com o ministro da Justiça, Petrônio Portella, fervoroso defensor da idéia de erradicação das atuais legendas e da consequente implantação do pluripartidarismo com a volta da barganha política, a parceria nas decisões administrativas e a viabilização da alternância dos partidos no poder. Lembram-se que quando, após o pleito do ano passado, Aureliano proclamou a derrota da legenda oficial, assinalando não ser possível, diante dela, "tapar o sol com a peneira", recebeu veemente réplica do então presidente do Senado. Agora, dentro da mesma orientação, o vice-presidente da República insistiria na manutenção do bipartidarismo, para marcar sua divergência frente a Portella.

A mesma interpretação vem-se dando à posição do governador da Bahia, Antônio Carlos Magalhães: seriam três postulantes à sucessão do presidente Figueiredo, confrontando suas teses.